

# **A sociedade do conhecimento: implicações na organização curricular e no perfil do professor**

*João Raimundo Alves dos Santos  
Mestre em Educação pela UNICAMP-SP,  
Consultor Educacional do PNUD-ONU  
e do INEP/MEC - [jralvesa@hotmail.com](mailto:jralvesa@hotmail.com)*

## **Apresentação**

Este trabalho nasceu do convite para realizar uma palestra para o SESC – Serviço Social do Comércio do Paraná – na cidade de Londrina no mês de Julho de 2005.

A palestra situa-se dentro dos seguintes escopos: fazer uma breve análise de conjuntura destacando os principais pontos que caracterizam a sociedade do conhecimento e os impactos na educação, evidenciar as implicações na organização curricular e no perfil do professor nessa nova sociedade.

Na primeira parte, faço uma breve contextualização dos principais elementos que estão interferindo na conjuntura e teço algumas considerações mostrando como cada um dos itens corroboram o momento de profundas transformações.

Na segunda parte, realizo um breve cotejo entre a Educação a Distância e a Presencial à luz das mudanças advindas com o avanço das tecnologias. Desenvolvo a importância da educação para a reprodução do capital, bem como discuto os elementos do novo paradigma educacional: a transformação da escola atual para uma “escola reflexiva”. Aponto os principais itens da “Escola Reflexiva”: Entender com profundidade o Construtivismo; Construir e refletir o seu Projeto político-pedagógico; Criar um ambiente propício para o desenvolvimento de relações intra e interpessoais; Criar e participar de programa de desenvolvimento profissional continuado.

Ainda nessa parte discuto o papel do professor na Sociedade do Conhecimento; a saber: a) O professor, participante de uma escola reflexiva, deverá exercer o seu trabalho pedagógico centrado no conceito de “Competência”; b) O docente deverá tornar-se um “Professor Reflexivo”.

Por fim, concluo este trabalho exortando aos colegas professores e àqueles envolvidos na educação a não se esquecerem de que estamos num cenário de transição. Neste momento somos todos convocados a não nos esquecermos de que a educação não é

algo pronto e acabado. Pelo contrário. Este campo do fazer humano, diferente da construção de um prédio, por exemplo, todos os dias precisa ser retomado e reconstruído: é um desafio permanente.

## **I- Caracterização do momento atual**

Já no título desse trabalho “A sociedade do Conhecimento: Implicações na organização curricular e no perfil do professor” revela o que penso sobre a possível correlação entre esta sociedade e a influência na organização curricular e no trabalho docente. Ao sugerir que existem “implicações”, deixo claro que é possível perceber “sinais”, os quais podem ser apreendidos nessa sociedade. Nesse trabalho, utilizo a denominação para ela, compartilhada com outros estudiosos de “Sociedade do Conhecimento”.

É possível fazer vários cortes para a compreensão do momento em que estamos vivendo e, de acordo com o “olhar” alguns sinais poderão ficar mais evidentes do que outros. Por exemplo, pode-se eleger o aspecto econômico, político, ou religioso, entre outros para se realizar uma análise de conjuntura. De acordo com o ponto de partida escolhido, apenas para permanecer nos citados, posso percorrer um caminho totalmente diferente em cada um ou fazer um intercâmbio entre o ponto de partida eleito e os demais.

Também escolhi um ponto de partida e pretendi não torná-lo monolítico, ou seja, permanecer num único viés sem fazer uma interlocução com outros itens. Desta maneira, por tratar-se de uma palestra voltada para os profissionais da educação, me reportei ao recorte dos avanços tecnológicos para estabelecer um cotejo entre o que denomino sociedade do conhecimento e a educação.

É Indubitável que o mundo atravessa processos vertiginosos. Não importa a denominação que os estudiosos estão dando a eles. Vejamos alguns nomes: A Sociedade da Informática (Schaff, 1995); Mundialização (Chesnay)<sup>1</sup>; Sociedade Globalizada (os americanos preferem este conceito), Sociedade do Conhecimento; Terceira Revolução Industrial; Revolução Tecnológica, entre outros. É notório que não existe consenso na

---

<sup>1</sup> Chesnais, F. A Mundialização do Capital.

denominação, mas sim a percepção de que o mundo caminha a passos largos para grandes transformações.

Partindo desta premissa, de que o mundo vive mudanças profundas, algumas questões estão colocadas no início desta reflexão: A) O modelo educacional que serviu para o século XX ainda permanecerá no século XXI? B) Qual o papel do professor nesta nova sociedade? C) Qual o lugar entre as nações que o povo brasileiro quer ocupar, deverá continuar como nação fornecedora de bens e produtos industrializados ou também será produtora do conhecimento? Aqui, a meu ver, está posta a questão que engloba as duas questões que propus anteriormente para o desenvolvimento desta atividade e não poderei respondê-la diretamente, deixando ao ouvinte e ao leitor que tire a sua conclusão.

Para responder essas questões, farei uma breve caracterização dessa nova sociedade. Nessa nova maneira de viver, impulsionada pela Revolução Tecnológica, segundo (Schaff, opus cit) o paradigma para diferenciar as sociedades não será somente a renda per capita, mas a capacidade que sua população terá de produzir e inserir-se nas novas tecnologias. Thornburg (2000) também caracteriza o mundo moderno como um espaço onde se avolumam as diferenças salariais entre os trabalhadores com menor e maior qualificação, ou seja, proporcionalmente ao acesso à tecnologia.

Com o advento dessas tecnologias, que estão modificando não somente o processo comunicativo, sobretudo, o processo de produção, é possível detectar algumas tendências emergentes nesse cenário, as quais, indubitavelmente, estão interligadas. Destaco as principais:

A primeira tendência é o **aumento no crescimento da informação**. Segundo Thornburg (Opus cit) o volume de informação em nível mundial vem dobrando a cada dois anos.

Dessa realidade surge uma questão que inquieta toda a humanidade: os conhecimentos produzidos podem ou não nos interessar. Como distinguir um do outro? Essa é, indiscutivelmente, uma outra grande questão que está posta para ser respondida. Drucker (1999) alerta-nos de que a possibilidade de escolha é uma das maiores características dessa nova sociedade e que precisamos nos preparar para vivê-la. Agregada a essa questão, existe a relação entre a descoberta e a aplicação da informação. Hoje é quase inexistente a diferença entre o tempo de descoberta de uma invenção e sua

aplicabilidade, aumentando assim, a quantidade de conhecimentos que as futuras gerações terão acesso.

A segunda tendência é o **crescimento do mercado global**, pois a globalização já é fato irreversível. Segundo Carvalho Rodrigues<sup>2</sup> a primeira fase do processo de globalização deu-se com a construção de estradas que interligou todo o Império Romano. A segunda fase deve-se aos portugueses, que por via marítima, expandiram a rede de intercomunicação. No século XX a conquista das estradas do ar encurtou todas as distâncias e permitiu chegar mais rápido onde se desejava. Na fase atual, o aumento das comunicações permitiu o acesso internacional às informações, mercados e serviços, criando as infovias, principalmente com a popularização da World Wide Web. Esse crescimento vem sendo possível, dentre outros fatores, porque os chips para os computadores continuam seguindo a Lei de Moore: a capacidade básica da tecnologia de silício dobra a cada 18 meses.

Dentro da Internet, destaca-se a Word Wide Web que contém sites informacionais articulados num protocolo comum permitindo a troca de bilhões de informações entre seus usuários. Segundo pesquisas, a Web dobra de tamanho a cada 90 dias e está sendo utilizada como importante meio instrucional permitindo a milhares de estudantes o acesso às últimas publicações científicas e, inclusive, desenvolvendo cursos através dela.

A terceira tendência aponta que os **demais materiais como a fibra ótica, o fio de cobre entre outros – continuam em constante desenvolvimento tecnológico**, possibilitando o envio de mensagens na velocidade de um trilhão de bits por segundo. Com essa velocidade e num material do diâmetro de um fio de cabelo, todas as edições da Folha de São Paulo desde a sua fundação, por exemplo, poderiam ser enviadas em menos de um segundo. Essas mudanças estão causando o alargamento da banda. Esse desenvolvimento da banda tem propiciado o crescimento da Internet: a rede mundial de comunicações onde a informação é enviada e recebida de qualquer parte do mundo. Nessa linha a tecnologia Wireless agrega-se a esse desenvolvimento.

Como quarta tendência pode-se afirmar que **essas mudanças impactam decisivamente nos empregos que estão sendo gerados e no perfil de ser humano exigido para atuar, portanto, no profissional do presente e do futuro**. Esses profissionais deverão ter fluência tecnológica. Segundo Thornburg (Opus cit) para uma pessoa ser

---

<sup>2</sup> Conferências do Milênio, Câmara Municipal de Aveiro, “Até onde pode ir o infinito”. Centro Cultural e Congressos de Aveiro, 22/01/2000.

considerada com fluência tecnológica ela deve se sentar em frente a um computador e usá-lo com o mesmo desembaraço que pegaria um livro e o leria.

A quinta tendência que se nota é a **contínua redução de setores e quadros de pessoal**, gerando por um lado, o desemprego estrutural e, concomitantemente, o crescimento de pequenos negócios. O modelo das grandes corporações que predominou após a primeira e segunda Revolução Industrial está abrindo espaços para as pequenas e médias empresas. Nesse modelo o nível de investimento na produção era alto e resultou no aumento significativo do número de empregos, principalmente depois da organização e produção do trabalho sistematizado por Taylor e Ford.

Recordemos que a primeira revolução industrial estruturou o trabalho, inicialmente, fundamentado nos pilares religiosos e militares herdados da Alta Idade Média. A historiadora Michelle Perrot relata o trabalho realizado pelas operárias numa oficina durante o período da primeira Revolução Industrial:

“... onde cada fiandeira vai, em silêncio, tirar a água de que precisa. Essa oficina, à primeira vista, surpreende o visitante pela quantidade de pessoas aí empregadas, pela ordem, pela limpeza e pela extrema subordinação que ali reina... Contamos 50, rocas duplas ocupadas por 100 fiandeiras e o mesmo tanto de dobradeiras, tão disciplinadas como tropas”<sup>3</sup>.

Essa organização do trabalho foi substancialmente alterada a partir do século XX com a agregação da ciência ao mundo do trabalho, gerando a Segunda Revolução Industrial. A indústria automobilística americana é o carro chefe dessa transformação e o trabalho passa a ter agregado ao seu valor à Administração Científica. Como consequência dessa nova forma de ver e de acumular o capital, a organização e produção do trabalho teve como características a produção em massa, o controle do tempo e movimento do trabalhador, a fragmentação das funções desenvolvidas pelo operário - pela separação entre elaboradores e executores do trabalho - e a organização vertical nas unidades fabris<sup>4</sup>. Essa visão foi sistematizada por Taylor<sup>5</sup> e posteriormente desenvolvida por Ford em suas fábricas.

---

<sup>3</sup> O grifo de silêncio e tropas é da Maria Lúcia de Arruda Aranha, in Apud.

<sup>4</sup> Antunes, Ricardo (1995)

<sup>5</sup> Taylor, F. A Administração Científica, Atlas.

O trabalho desenvolvido com os pressupostos da Administração Científica alavancou as nações que eram produtoras líderes de bens de produção e de consumo, manteve e introduziu novas nações como fornecedoras de matéria prima e consumidoras de parcelas dos produtos dessas nações. O mundo conheceu, junto com a Revolução Industrial, uma nova divisão do trabalho: as nações protagonistas da Revolução Industrial detinham a tecnologia e os demais países fornecedores de matéria prima ou subsidiárias das indústrias pesadas.

Partindo do princípio de que existe uma extrema unidade entre os meios de produção e a superestrutura da sociedade, pode-se, indubitavelmente, relacionar a forma de organização do trabalho taylorista às necessidades históricas de um determinado momento em que se fazia necessário satisfazer de forma muito rápida uma demanda de mercado que também crescia rapidamente. Para essa forma de organização do trabalho correspondia um modelo de trabalhador: para as funções repetitivas era necessário ter qualificações mínimas para as quais eram treinados, para a outra parcela de trabalhadores da produção, uma pequena parcela de escolaridade - a fim de lidar com os manuais das máquinas - e para as funções de gerência, uma escolaridade maior.

Na década de 70 o trabalho passou por outra transformação. Dessa vez o Japão é a locomotiva, que - também com a indústria automobilística - fundou as bases da Terceira Revolução Industrial: o Toyotismo. O Toyotismo se caracteriza pelo emprego do robô no processo produtivo associado à informática, delegando às máquinas o trabalho mecânico, insalubre e pesado que era desenvolvido em grande escala na Primeira Revolução e em menor escala, comparativamente, na 2a. Revolução Industrial.

Aqui vale a pena retomar o velho sociólogo alemão: se de fato existe uma correlação entre a base econômica da sociedade – sua estrutura – e a base ideológica – a superestrutura - devemos nos perguntar: que tipo de cidadão a escola deverá formar para que o capital possa continuar se reproduzindo?

Essa questão, a meu ver, é extremamente ideológica, pois poderíamos fazer outra: que tipo de cidadão é preciso formar para diminuir ou acabar com a exploração do mundo capitalista? No entanto, por motivo de tempo e espaço, esse texto não se propõe a discutir essa questão, mas por tratar-se de uma pergunta que pode ser respondida sob os aspectos

filosófico, sociológico, artístico, político, etc., quero apenas me reportar à quantidade de anos de estudo “exigidos” pelo capital.

É importante percebermos que na Primeira Revolução Industrial, liderada pela Inglaterra, o capital para reproduzir-se precisava de crianças, sem nenhuma escolaridade, para trabalhar no tear ou nas fiandeiras. Na segunda Revolução Industrial era necessário possuir pelo menos quatro anos de escolaridade, a fim de ler o manual, seguir as determinações mais complexas do processo de produção.

Na atual fase do desenvolvimento das forças produtivas a educação básica – 12 anos de escolaridade – é condição sine qua nom para a inserção no mundo do trabalho. Assim, é possível uma constatação que os capitalistas, mesmo os “brutos” (entenda-se os “capitalistas selvagens”), também defendem: na atual fase do capitalismo, quanto mais educação, mais possibilidades de reprodução do capital. Por isso, mais do que nunca para as nações em desenvolvimento o principal desafio posto está na universalização da educação básica e no acesso e permanência do maior contingente possível de sua população no Ensino Superior. Se esta bandeira não for rapidamente hasteada pelo Brasil, certamente passaremos mais 500 anos na fila das nações que denomino em “permanente processo de desenvolvimento” e talvez permaneçamos nesta terceira divisão internacional do trabalho no mesmo lugar das outras duas: nação fornecedora de mão de obra e produtora de insumos para as nações desenvolvidas.

## **II – O impacto das novas tecnologias na Educação**

Todas essas transformações, indubitavelmente impactam no campo educacional. Além da necessidade do aumento dos anos de escolaridade, a criação de um espaço virtual com funcionamento e características próprias exige novas formas de pensar, de interagir e de viver. Nessa linha, alguns autores caracterizam essas mudanças e seus impactos na cultura, especificamente no que se refere à Educação: essas transformações estão criando a Sociedade da Aprendizagem (Medina et all, 2000). Nessa nova sociedade existe a necessidade da formação permanente e de um constante aperfeiçoamento profissional para todos os profissionais. É nesse sentido que Pozo (1996) chama-nos a atenção sobre a

aprendizagem ao referir-se que ela se coloca durante toda a nossa vida e, por conseguinte, durante cada dia.

A UNESCO, partindo de diversos autores, também procura caracterizar essa sociedade, bem como a demanda de formação exigida nesse novo patamar de desenvolvimento. Esse órgão procurou durante esses últimos anos investir e discutir com os países o conceito e a necessidade da Formação Permanente, como uma possibilidade real de acompanhar e responder, junto aos países, as transformações tecnológicas e culturais que vêm passando.

Essas mudanças tecnológicas invariavelmente afetam a Educação, tanto na modalidade presencial como à distância. A educação presencial, segundo GUTIERREZ e PRIETO (1991) está assentada na idéia de que o professor precisa dar ou facilitar o acesso à informação, checar se ela foi assimilada e avaliar o quanto o aluno aprendeu. A mediação de todo o processo é feita pelo professor, pois ele é considerado o mediador pedagógico entre a informação a oferecer e a aprendizagem por parte dos alunos.

Já na educação à distância, a mediação é feita por meio dos textos e outros materiais. Segundo (SOUZA, 2000) este material tem que ser pedagogicamente diferente dos usados nos sistemas presenciais. Assim, os conteúdos já devem ser preparados e elaborados para ensinar, pois o eixo temático dos textos já é traçado para cumprir a função educativa. Os materiais – incluindo os textos – devem auxiliar o aluno a se sentir companheiro de outros alunos, devem ser de fácil assimilação, devem ser motivadores – estimular novas descobertas, trazer novas informações e, sobretudo, possibilitar a construção e a reconstrução do conhecimento. (SOUZA, Op. cit). É, especificamente, sobre esta tendência – o impacto das novas tecnologias na educação - que esta palestra pretende permanecer com mais detalhamento.

No início deste trabalho ventilei duas questões que gostaria de retomar. Na primeira perguntei se o modelo educacional que serviu para o século XX ainda permanecerá no século XXI?

Sobre esta questão penso que não, ou seja, o modelo educacional que vigorou no século passado não é o mais adequado para este novo momento. Isso não significa que ele não funcionou ou não cumpriu o seu papel. Pelo contrário. Apenas reafirmo que o paradigma educacional está mudando. Estudiosos como Pierre Levy, Deleuze e Guatari,

Jacques Delors nos mostraram que estamos sob este novo paradigma educacional, que está em construção.

Quais os principais pontos deste novo paradigma?

Em função do tempo e espaço, destacarei, a meu ver, o ponto central.

1. A escola precisa tornar-se uma “Escola Reflexiva”<sup>6</sup>.

Para que a escola torne-se reflexiva, não podemos nos esquecer que os educadores não podem conceber a escola como mera reprodutora da práxis social ou totalmente transformadora dela. A escola situa-se numa ambigüidade social: em parte é reprodutora e em parte pode contribuir com a transformação, à medida que a concebemos como uma organização social que interage com a cultura externa e produz uma cultura interna própria que é partilhada, em maior ou menor grau, pelos seus membros. Para que escola torne-se reflexiva e fuja da racionalidade técnica, repassadora de conteúdos, no novo paradigma, aponto alguns caminhos:

a) Entender com profundidade o Construtivismo, pois a questão central no novo paradigma **não é** como o professor deve ensinar o aluno, mas como o professor fará para descobrir e trilhar os caminhos de **como o aluno aprende**. Perrenoud, reportando-se a Bachelard, relembra “que os professores têm dificuldades para compreender que seus alunos não compreendem, já que perderam a memória do caminho do conhecimento, dos obstáculos, das incertezas, dos atalhos, dos momentos de pânico intelectual ou de vazio. (...). O professor que trabalha a partir das representações dos alunos tenta reencontrar a memória do tempo em que ainda não sabia, colocar-se no lugar dos aprendizes, lembrar-se de que, se não compreendem, não é por falta de vontade, mas porque o que é evidente para o especialista parece opaco e arbitrário para os aprendizes” (Perrenoud, 2000:29). Acrescento que sem esta preocupação da escola em criar condições para que os docentes possam refletir conjuntamente e reconstruírem coletivamente a “memória do caminho do conhecimento” é impossível a instauração da “Escola Reflexiva”.

Quando o professor centra os seus esforços em compreender como o aluno aprende – à luz das diversas contribuições científicas – além de iniciar o processo de construção da “Escola Reflexiva” começa a trilhar o caminho do construtivismo. A meu ver, o construtivismo que propiciou esta inversão está para o ensino, como Copérnico está para a

---

<sup>6</sup> O Conceito de Escola Reflexiva que aqui utilizo está baseado em diversos autores que, com pequenas diferenças, compactuam dele: Isabel Alarcão, José Tavares, Iria Brzezinski entre outros.

teoria heliocêntrica. A visão construtivista mexe com toda a concepção da Organização do Trabalho Pedagógico.

Como compreendo a Organização do Trabalho Pedagógico?

Estou concebendo a organização do trabalho pedagógico dentro da sociedade capitalista, pois é nessa sociedade que o ser humano tem sua existência jogada e pode ou não se tornar projetada – não desconsidero esse aspecto. Tampouco considero a aula como a unidade didática por excelência, pois não concordo com vários aspectos da análise que Libâneo<sup>7</sup> já desenvolveu sobre esse conceito.

Em função do tempo e do espaço, apenas cito mais alguns pontos, sem desenvolvê-los”, de uma escola reflexiva.

- b) Construir e refletir o seu Projeto político-pedagógico
- c) Criar um ambiente propício para o desenvolvimento de relações intra e interpessoais;
- d) Formar os cidadãos para a complexidade, a mudança e para o incerto;
- e) Criar e participar de programa de desenvolvimento profissional continuado (professores).

2. A segunda questão posta no início deste trabalho era: Qual o papel do professor nesta nova sociedade?

Sobre esta questão, intrinsecamente relacionada com a mudança de paradigma, é possível apontar, ainda que como indícios, alguns itens:

- a) O professor, participante de uma escola reflexiva, deverá exercer o seu trabalho pedagógico centrado no conceito de “Competência”. E, o que vem a ser este conceito? E, em aceitando-o, quais as competências que o professor deve desenvolver?

Parto do conceito de competência como a “capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessárias para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho” (Res. CNE/CEB 04/99).

---

<sup>7</sup> Ver o livro “Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico” do professor Luis Carlos de Freitas que teceu com uma crítica aos trabalhos que concebem a aula como unidade didática por excelência desprovida da análise da sociedade em que ela está inserida.

O professor não deve ser um repassador de conteúdo, mas deverá estar, acima de tudo, comprometido com a totalidade da escola, o que hoje pressupõe fundar a organização do trabalho pedagógico no conceito de competência. É importante salientar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 – Art. ampliou o “que-fazer” do trabalho docente: O docente é responsável pela elaboração do projeto político-pedagógico da escola.

E de que docente estou falando?

Refiro-me ao docente das creches, da educação infantil, do ensino fundamental, do ensino médio, do ensino superior e da educação profissional em todos os níveis.

E quais são as competências que o docente deverá possuir?

Penso que não se pode fechar a questão sobre esse ponto, tentando montar uma “receita de competências”, no entanto, Perrenoud nos aponta algumas competências que o docente deve possuir, conforme o quadro:

#### REFERENCIAL COMPLETO<sup>8</sup>

Dez domínios de competências reconhecidas como prioritárias na formação contínua das professoras e dos professores do ensino fundamental

Competências de referência	Competências mais específicas a trabalhar em formação contínua (exemplos)
1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer, para determinada disciplina, os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem.</li> <li>• Trabalhar a partir das representações dos alunos.</li> <li>• Trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem.</li> <li>• Construir e planejar dispositivos e seqüências didáticas.</li> <li>• Envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento.</li> </ul>
2. Administrar a progressão das aprendizagens.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceber e administrar situações-problema ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos</li> <li>• Adquirir uma visão longitudinal dos objetivos do ensino.</li> </ul>

<sup>8</sup> Perrenoud, Philippe. Dez Novas Competências para Ensinar, página 20-21

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer laços com as teorias subjacentes às atividades de aprendizagem.</li> <li>• Observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem, de acordo com uma abordagem formativa.</li> <li>• Fazer balanços periódicos de competências e tomar decisões de progressão.</li> </ul>
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma.</li> <li>• Abrir, ampliar a gestão de classe para um espaço mais vasto.</li> <li>• Fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos portadores de grandes dificuldades.</li> <li>• Desenvolver a cooperação entre os alunos e certas formas simples de ensino mútuo.</li> </ul>
4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Suscitar o desejo de aprender, explicitar a relação com o saber, o sentido do trabalho escolar e desenvolver na criança a capacidade de auto-avaliação.</li> <li>• Instituir e fazer funcionar um conselho de alunos (conselho de classe ou de escola) e negociar com eles diversos tipos de regras e de contratos.</li> <li>• Oferecer atividades opcionais de formação, à la carte.</li> <li>• Favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno.</li> </ul>
5. Trabalhar em equipe.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaborar um projeto de equipe, representações comuns.</li> <li>• Dirigir um grupo de trabalho, conduzir reuniões.</li> <li>• Formar e renovar uma equipe pedagógica.</li> <li>• Enfrentar e analisar em conjunto situações complexas, práticas e problemas profissionais.</li> <li>• Administrar crises ou conflitos interpessoais.</li> </ul>
6. Participar da administração da escola.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaborar, negociar um projeto da instituição.</li> <li>• Administrar os recursos da escola.</li> <li>• Coordenar, dirigir uma escola com todos os seus parceiros (serviços paraescolares, bairro, associações de pais, professores de</li> </ul>

	<p>língua e cultura de origem).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Organizar e fazer evoluir, no âmbito da escola, a participação dos alunos.</li> </ul>
7. Informar e envolver os pais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dirigir reuniões de informação e de debate.</li> <li>• Fazer entrevistas.</li> <li>• Envolver os pais na construção dos saberes.</li> </ul>
8. Utilizar novas tecnologias.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizar editores de textos.</li> <li>• Explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos do ensino.</li> <li>• Comunicar-se à distância por meio da telemática.</li> <li>• Utilizar as ferramentas multimídia no ensino.</li> </ul>
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prevenir a violência na escola e fora dela.</li> <li>• Lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais.</li> <li>• Participar da criação de regras de vida comum referentes à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta.</li> <li>• Analisar a relação pedagógica, a autoridade, a comunicação em aula.</li> <li>• Desenvolver o senso de responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça.</li> </ul>
10. Administrar sua própria formação contínua.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber explicitar as próprias práticas.</li> <li>• Estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua.</li> <li>• Negociar um projeto de formação comum com os colegas (equipe, escola, rede).</li> <li>• Envolver-se em tarefas em escala de uma ordem de ensino ou do sistema educativo.</li> <li>• Acolher a formação dos colegas e participar dela.</li> </ul>

Certamente alguns colegas que estão escutando essa palestra ou lendo o texto podem se perguntar: O que tem a ver “essa tal de competência” com a violência que estou vivendo na escola, com as dificuldades de aprendizagens dos alunos, com a falta de infra-

estrutura para desenvolver minhas aulas? Ela não é mais uma panacéia desse ou de outros palestristas que virão?

É importantíssimo deixar claro que a responsabilidade pelo fracasso ou sucesso do aluno, a resolução do problema da violência entre outros não pode ser creditada exclusivamente a uma boa prática docente ou dito de outra forma, jogada nos ombros dos professores.

Todos os docentes devem ter a clareza de que a sua prática pedagógica não é “salvadora” por si só, uma vez que ela não está descontextualizada da sociedade em que está inserida e tão pouco pode se dar ao luxo de desconsiderar as determinações materiais que a envolvem (a formação histórica do professor, dos alunos, as condições de produção da existência de cada um dos atores, etc) desejando torná-la absoluta.

Assim, retomando a questão que apareceu na cabeça do ouvinte ou do leitor: o que isso tem a ver com a violência, ou dito de outra forma, como resolver este problema?

A violência nas escolas passa, a meu ver, necessariamente pelo enfrentamento coletivo do problema e pela análise das condições econômicas dos sujeitos envolvidos no processo, ou seja, esse deve ser um dos pontos de análise da escola reflexiva.

Concebo a escola como organização viva que interage, como disse antes, com a cultura externa, neste caso, marcada pela violência e produz uma cultura interna, portanto, ela também deverá dar respostas ao problema da violência. Entendo esta “resposta” como “criação”<sup>9</sup> da escola. Essa criação que ocorre na vida cotidiana – um nível de realidade social marcada pelas relações das forças produtivas – somente será possível se a escola continuamente se pensar a si própria.

b) O professor deverá tornar-se um “Professor Reflexivo”.

No novo paradigma educacional, a escola reflexiva, exigirá professores reflexivos, capazes de construir uma nova epistemologia que rompa com a epistemologia da racionalidade técnica. Nesta perspectiva o professor construirá o seu conhecimento a partir da reflexão de sua prática em conjunto com os demais docentes.

É importante destacar que o professor reflexivo coloca-se na perspectiva de rever e questionar a teoria que recebeu durante o processo de formação inicial. Este profissional considera que ela não possui as respostas para todos os problemas e desafios colocados no

---

<sup>9</sup> Utilizo este conceito baseado em Lefebvre.

cotidiano. Neste sentido existe uma perspectiva de romper com a racionalidade técnica e a partir da reflexão de sua prática e em conjunto com os demais colegas analisar os acertos e erros da prática educacional.

### **Algumas Considerações Finais**

As reflexões desenvolvidas neste trabalho não são conclusivas, no sentido de apontar a inexorável tendência da educação e do professor como antagonicos ao papel que vinha desenvolvendo no século passado.

As tendências que foram apontadas traçam o perfil do professor como um profissional preocupado em compreender os processos de aprendizagem do aluno e em criar ambientes ricos, principalmente na sala de aula, a fim de que a aprendizagem tome o lugar central no processo ensino-aprendizagem.

A escola, na Sociedade do Conhecimento, deverá tornar-se reflexiva. Todos os seus participantes – professores, alunos, funcionários e pais – são chamados a construir um espaço onde a prática da reflexão sobre todas as dimensões da escola seja constante e cotidiana, ponto fundamental para construir uma nova racionalidade: a reflexiva.

O caminho a ser traçado para que a escola torne-se reflexiva não é fácil e nem será construído da “noite para o dia”. Pelo contrário, exige tenacidade por parte de todos os envolvidos. Neste sentido, o novo paradigma está nascendo dentro do atual e exige de todos os que estão comprometidos com esta nova perspectiva que sejam “visionários”, ou seja, confiem no modelo que está advindo, mas que nem todos podem enxergar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCAO, I. *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*. Porto Alegre : Artmed Editora, 2001.

DELEUZE, G. e GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro : Imago, 1976.

FREITAS, Luis C. I. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico*. São Paulo: Papirus, GUTIERREZ, F. e PRIETO, D. *A mediação pedagógica, Educação a Distância Alternativa*, São Paulo: Papiros 1994.

LEFEBVRE, H. *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo : Ática, 1991

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

PERRENOUD, Philippe. *Dez Novas Competências para Ensinar*, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

PRIETO, D e CORTEZ, C. E. *El interlocutor ausente*. Notas y recomendaciones sobre investigación de expectativas de comunicación y validación de mensajes en torno a la infancia. San José: RNTC, 1990.

SOUZA, M. Wilton. *Comunicação e educação entre meios e mediações*. In: Revista Mar – 1999, pp. 09 – 25.

TAYLOR F. *A Administração Científica*, São Paulo : Atlas